

A DIALÉTICA DO SENHOR E DO ESCRAVO EM HEGEL E SUA REPERCUSSÃO NO MARXISMO E NA PSICANÁLISE LACANIANA

*Marcio Gimenes de Paula**

RESUMO:

O objetivo do presente artigo é analisar a dialética do senhor e do escravo em Hegel e sua repercussão no marxismo e na psicanálise. Para atingir tal intuito, o tema estará limitado a analisar um pequeno trecho da *Fenomenologia do Espírito*, onde se afirma tal tese, e a interpretação do mesmo segundo Lima Vaz, Kojève, Hyppolite e Lacan.

PALAVRAS-CHAVE: Dialética. Hegel. Marxismo. Psicanálise. Política.

* Doutor em Filosofia pela UNICAMP. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. Endereço eletrônico: magipa@bol.com.br. Avenida Adélia Franco, 2850 Bloco B- apto. 301. CEP 49048-010. Aracaju-SE.

UMA INTRODUÇÃO À *FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO* SEGUNDO LIMA VAZ

A célebre metáfora do senhor e do escravo, tão popularizada em nossa tradição ocidental, foi criada por Hegel, e utilizada por muitos pensadores no século XX. Ela aparece, em seu primeiro momento, na obra *Fenomenologia do espírito*. Desse modo, qualquer aproximação da metáfora em si ou do seu sentido, necessita de uma análise da obra e do contexto onde a mesma se insere. Assim sendo, nosso *fio condutor* nesse processo será, inicialmente, a apresentação de Henrique Cláudio de Lima Vaz à tradução brasileira de Paulo Meneses.

A *Fenomenologia do espírito* data de 1807. Hegel possui nessa época 37 anos. Trata-se de uma de suas principais obras, isto é, aquela que o consagra como filósofo por excelência e o insere nos melhores debates da época. Antes dela, o pensador alemão havia publicado apenas pequenos artigos e ensaios, demonstrando, em alguns deles, suas críticas a Kant, Fichte e Schelling. Seu intuito é partir da fenomenologia, isto é, do mundo das coisas que aparecem e nos são dadas para a formulação de um sistema da ciência. No seu entender, a filosofia é equivalente à ciência. Desse modo, o que se entende por fenomenologia e por espírito é a mesma coisa.

Diferentemente das muitas lições e cursos que Hegel deu e que, posteriormente, foram transformados em aulas, sua escrita aqui é bastante diferente. Seu texto revela uma espécie de caminho, isto é, estações ou estádios presentes na experiência do sujeito. O pensador alemão se depara com uma antiga questão filosófica que separa sujeito e objeto. Assim sendo, sua questão principal é como conciliar o indivíduo (que é também consciência e subjetividade) com o

mundo objetivo da ciência. Por isso, não sem propósito, o primeiro título que Hegel pensou em dar para a *Fenomenologia do espírito* foi *ciência da experiência da consciência*.

Há uma dupla face na *Fenomenologia*. A primeira é histórica, isto é, a ciência da experiência da consciência sempre ocorre numa determinada cultura e mesmo que ressaltemos a importância da subjetividade isso não pode ser negado. A segunda face é dialética, isto é, não se trata aqui de algo cronológico, mas sim de algo que obedece a uma lógica que conduz ao momento fundador da ciência, ou seja, ao saber absoluto. Esta seria a plena adequação da certeza do sujeito com a verdade do objeto.

Sem dúvida tais questões são complexas e existem há milênios na história da filosofia. Contudo, deve ficar claro que o intuito de Hegel aqui é especialmente responder à aporia da *Crítica da razão pura* de Kant. Nela, o pensador de Königsberg fazia distinção entre os fenômenos (que podemos conhecer) e a coisa em si (que não seríamos capazes de conhecer). Desse modo, ao colocar a perspectiva histórica e almejar uma reconciliação entre sujeito e objeto, o pensador de Berlim deseja superar aquilo que ele considerava como abstrações kantianas. Com efeito, Hegel recupera para o sujeito a condição de fenômeno, que Kant havia colocado nos objetos.

Dois fios podem nos guiar em nosso itinerário pela *Fenomenologia*. O primeiro deles reside nas figuras que traçam o caminho do sujeito para o saber. O segundo está nos momentos que, através da sua própria união e das experiências do sujeito, conduzem ao saber absoluto. Em outras palavras, a tentativa é igualar o racional ao real e o real ao racional, tal como defenderá Hegel buscando superar Kant.

A *Fenomenologia* possui três significações fundamentais. A primeira é filosófica, isto é, ela questiona o que significa para a consciência experimentar-se a si mesma e caminhar

rumo à ciência. Podemos notar aqui a clara oposição de Hegel ao posicionamento kantiano. A segunda significação é cultural, isto é, a consciência vive num determinado contexto e época. Já a terceira significação é histórica, ou seja, a consciência do indivíduo e da cultura caminham para uma ciência na história. Desse modo, somente a partir de tais cruzamentos é que podemos compreender a dialética do senhor e do escravo em Hegel.

O problema aqui colocado é como o sujeito (subjetivo) pode pensar o objeto (objetivo)? Como é possível submeter a verdade do objeto à verdade do sujeito? Somente com a resposta para tais questões é que, segundo Hegel, se pode chegar até um saber absoluto. Por isso é que os três primeiros capítulos da *Fenomenologia* partem do sujeito cognoscente em nível elementar. O primeiro tipo de conhecimento elucidado aqui é a *certeza sensível* que, posteriormente, caminha para algo denominado como *supra-sensível*. Por certeza sensível podemos entender aqui o conhecimento primeiro que a consciência faz do mundo, isto é, o conhecimento empírico. Tal conhecimento caminha para um conhecimento supra-sensível na medida em que tenta superar a física. Aparece aqui, sem dúvida alguma, uma ligação da filosofia hegeliana com a filosofia platônica. Contudo, Hegel mantém a verdade no plano da imanência e não procede como Platão, que a coloca na transcendência. O segundo tipo de conhecimento do sujeito é denominado por Hegel de *consciência de si*. Por consciência de si podemos compreender a consciência que ultrapassou a esfera do senso comum e do empírico e se descobre enquanto tal. Há aqui um movimento dialético, uma espécie de caminho que será melhor elucidado.

Diferentemente de Fichte e de Descartes, que preconizavam uma primazia do sujeito, quer seja na teoria do cogito, quer seja na teoria do eu=eu, Hegel tentará conciliar o mundo sensível (sentido por cada indivíduo) com o mundo da percepção (sentido pelo outro). Tal

coisa traria uma unidade da consciência consigo mesmo. A consciência de um objeto se daria sempre a partir de si e isso seria a mola propulsora do desejo e da vida. Um ponto de destaque na *Fenomenologia* é o desejo. No entender hegeliano, todo homem precisa conciliar sua vida natural com a história. Dessa junção de coisas nasce, segundo ele, a consciência de si. O eu que deseja realiza sempre uma duplicação da consciência de si. Trata-se de um processo de reconhecimento do outro. Para Hegel, a passagem para a ciência implica num avanço da consciência de si para o espírito. Assim sendo, é aqui que se insere a dialética do senhor e do escravo na obra hegeliana, isto é, na passagem da dialética do reconhecimento. Desse modo, a metáfora do senhor e do escravo não é sobre a origem natural do senhorio e da escravidão e nem um tratado sobre o estado de natureza ao modo hobbesiano. O problema aqui a ser investigado é como a consciência de si encontra a sua universalidade efetiva. Trata-se, portanto, da superação tanto das antigas leis da tribo como da lei da *pólis*.

A CONSCIÊNCIA DE SI: INDEPENDÊNCIA E DEPENDÊNCIA DA CONSCIÊNCIA DE SI – DOMINAÇÃO E ESCRAVIDÃO (A *FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO*)

No capítulo quarto da primeira parte da *Fenomenologia*, Hegel tratará da consciência de si num capítulo intitulado *a verdade da certeza de si mesmo*. O item A de tal capítulo intitula-se *independência e dependência da consciência de si – dominação e escravidão*. Tal parte se estende do parágrafo 178 ao parágrafo 196. Analisemos, portanto, a exposição:

178) Hegel afirma aqui a consciência de si como algo que é para si e para o outro. Surge aqui a idéia de duplicação e de momentos da consciência.

179) A consciência de si é dada por algo exterior. Hegel afirma aqui a sua dupla significação: a) ela se perde; b) ela suprassume o outro.

180) A consciência de si suprassume o outro, adquire sua essência e o assume para si, isto é, apropria-se dele. Sua essência torna-se a mesma do outro.

181) A consciência de si retorna a si. Liberta o outro ao trazê-lo para si.

182) As duas consciências firmam-se em separado e independentes. A primeira consciência possui o objeto diante de si.

183) Hegel afirma a necessidade do agir duplo.

184) A consciência de si firma-se como um meio termo. A ordem é: consciência - consciência de si - objeto. As duas consciências se reconhecem de fato quando se reconhecem reciprocamente.

185) Hegel afirma a extremidade dos opostos. Os extremos só reconhecem no outro aquilo que é comum a si.

186) A consciência de si surge primeiramente de forma negativa, isto é, com um outro negativo. Quando o outro se positiva, surgem dois indivíduos. Uma consciência ainda não é capaz de se reconhecer na outra.

187) Há um agir duplicado: o outro e si. A luta entre as duas consciências de si.

188) Ocorre um combate de vida e morte entre consciência e não-consciência.

189) A consciência de si imediata equivale a um eu simples. Segundo Hegel, tal coisa não se sustenta mais aqui. O senhor aparece aqui como a vida e o escravo como um ser para o outro, isto é, como coisa.

190) O senhor é para si. O escravo é um elo entre o senhor e o objeto do seu desejo, ou seja, ele é uma coisa, um gozo senhorial.

191) O agir do escravo é desprovido de essência. Trata-se de pura negação. Seu reconhecimento é unilateral e desigual, visto que somente ele reconhece o seu senhor.

192) A consciência sem essência do escravo se afirma como a verdade do seu senhor.

193) A consciência independente (do senhor) também se configura como consciência escrava.

194) A consciência escrava tem como consciência o seu senhor e teme pelo que ele pode lhe fazer.

195) O positivo: o escravo não tem um ser para si, mas encontra-se no trabalho. O trabalho é o seu desejo reprimido. O senhor entra em crise.

196) O negativo: o ser para si do escravo é o medo e a angústia (medo do opressor)

ALGUMAS INTERPRETAÇÕES DE HEGEL: KOJÈVE, HYPPOLITE E LACAN

Um dos mais importantes intérpretes do pensamento de Hegel no século XX foi, sem dúvida alguma, o russo Alexandre Kojève. Seus cursos sobre a filosofia hegeliana fizeram parte da história da filosofia francesa, visto que, após um período na Alemanha, o pensador por lá se instalou e estabeleceu sua carreira como professor. Para que se tenha uma idéia de sua importância, cabe lembrar que pensadores como Sartre, Merleau-Ponty e Lacan, dentre tantos outros, passaram por seus cursos nos anos 30 e 40.

Sua obra *Introdução à leitura de Hegel* é um texto imenso e destina-se notadamente à análise da *Fenomenologia do espírito*. Kojève, dentro da boa tradição estruturalista, divide toda a obra e busca interpretá-la. Desse modo, interessa-nos aqui, a sua visão acerca da metáfora do senhor e do escravo na referida obra. Tal como Hegel já notara, Kojève afirma que o senhor é a sua própria consciência de si, porém, a despeito disso, ele parece necessitar do escravo, que cumpre o papel de sua consciência:

Essa consciência é o escravo que, ao se identificar com sua vida animal, forma um todo com o mundo natural das coisas. Ao recusar-se a arriscar a vida numa luta de puro prestígio, ele não se eleva acima do animal. Considera-se como tal, e como tal é considerado pelo seu senhor. Mas o escravo, por sua vez, reconhece o senhor em sua dignidade e sua realidade humanas, e comporta-se de acordo. A certeza do senhor é, portanto, não puramente subjetiva e imediata, mas objetivada e mediatizada pelo reconhecimento do outro, do escravo. Enquanto o escravo continua sendo um Ser imediato, natural, bestial, o senhor - por sua luta - já é humano, mediatizado. Seu comportamento é, por conseguinte, mediatizado ou humano, tanto em relação às coisas quanto aos outros homens; esses outros que, para ele, não passam de escravos (Kojève, 2002, p. 21).

Com efeito, segundo o pensador russo, o escravo recusa o combate pela vida e prefere viver na dependência de seu senhor. Já o senhor possui os seus desejos e tenta permanentemente alcançá-los. Contudo, o curioso é que o senhor dependa de alguém a quem ele tem como escravo. O grilhão do escravo é o senhor. Nesse sentido, ele é negativo e intermediário, ou seja, ele faz o intermédio entre o senhor e o objeto do seu desejo. O seu trabalho promove o encontro do senhor com o seu objeto desejado.

O senhor vê num outro apenas o seu escravo e, o próprio escravo, se reconhece enquanto tal. Desse modo, o senhor é reconhecido, mas não reconhece. Sua contradição é ser reconhecido por quem ele não reconhece:

A relação do senhor e do escravo não é portanto um reconhecimento propriamente dito. Para melhor compreender, analisemos o ponto de vista do senhor. O senhor não é o único a se considerar como senhor. O escravo também o considera como tal. Logo, o senhor é reconhecido por alguém que ele não reconhece. E nisso está a insuficiência – e o caráter trágico – de sua situação. O senhor lutou e arriscou a vida pelo reconhecimento, mas só obteve um reconhecimento sem valor para si. Porque ele só pode ficar satisfeito com o reconhecimento por parte de alguém que ele reconhece como alguém digno de o reconhecer. A atitude do senhor é pois um impasse existencial (Ibid., p. 23).

A busca do senhor não é pela coisa, mas pela satisfação do seu desejo. Entretanto, nesse percurso, ela acaba por ser reconhecido por uma coisa. O que agora surge, como contradição, é que seu desejo não era tão livre quanto parecia: “Assim, no final das contas, seu desejo busca uma coisa e não – como parecia no início – um desejo (humano). O senhor se enganou. Depois da luta que fez dele senhor, ele não é o que quis ser ao travar a luta; homem reconhecido por outro homem” (Idem).

Desse modo, o senhor nunca estará satisfeito, enquanto o escravo pode se conformar com a sua situação. A verdade do senhor é, portanto, o escravo. Ele é reconhecido pelo número de escravos que possui e controla, mas depende deles para obter, inclusive, o seu sustento, uma vez que o mesmo é obtido através do labor do servo. Por isso, a história começa a se configurar aqui como uma história de escravos, isto é, aqueles que num primeiro momento se

sujeitam ao domínio do seu senhor e vivem nos limites da estreita animalidade, mas que também trabalham e transformam o mundo onde vivem. Tal suspeita será de importância capital para boa parte dos hegelianos de esquerda e, notadamente, para a articulação do pensamento de Karl Marx.

Segundo Kojève, Hegel deixa muito evidente que se a consciência servil do escravo se dissolver pode haver um reconhecimento na relação entre senhor e escravo, ou seja, ele forçaria o aparecimento de tal coisa. A relação entre o escravo e a natureza é mais saudável do que a relação do senhor com a natureza. O escravo tem consciência dela e dos seus limites diante dela. O senhor, ao abdicar dela e do trabalho de transformá-la, perde a sua noção do todo. Por isso, o escravo que domina a natureza pode também criar os meios adequados para se emancipar e alcançar a sua autonomia. Desse modo, Kojève, dentro da boa tradição marxista, mas também dentro da boa tradição existencialista, deixa evidente a importância do trabalho:

Só depois de haver produzido um objeto artificial é que o homem é real e objetivamente algo mais e diferente de um Ser natural; e é apenas nesse produto real e objetivamente mais e diferente de um Ser natural; e é apenas nesse produto real e objetivo que ele toma de fato consciência de sua realidade humana e subjetiva. Portanto, é pelo trabalho que o homem é um Ser sobre-natural real e consciente de uma realidade; ao trabalhar, ele é o Espírito encarnado, é um mundo histórico, é História objetivada (Ibid., p. 28).

O homem autônomo é aquele que se reconhece no seu trabalho, é aquele que passa pela angústia da morte, pela servidão e supera tudo isso:

O homem só atinge a autonomia verdadeira, a liberdade autêntica, depois de ter passado pela sujeição, depois de haver superado a angústia da morte pelo trabalho efetuado a serviço de outrem (que, para ele, encarna essa angústia). O trabalho libertador é pois necessariamente, à primeira vista, o trabalho forçado de um escravo que serve um senhor todo- poderoso, detentor do poder real (p. 29).

Com efeito, no entender de Kojève, o trabalho servil ainda é uma inconsciência de si que, na medida em que vai sendo superado, atinge a consciência de si, realizando sua efetiva liberdade:

Por isso, no final, todo trabalho servil realiza não a vontade do senhor, mas a – inconsciente, no início – do escravo, que – afinal – consegue vencer naquilo em que o senhor - necessariamente - fracassa. Portanto, a consciência inicialmente dependente, que serve e é servil, é que realiza e revela no fim de contas o ideal da consciência-de-si autônoma, e que é assim a sua verdade (p. 31).

Outro intérprete privilegiado da filosofia hegeliana foi o francês Jean Hyppolite. Seus comentários e seus cursos sobre a obra do pensador alemão, tal como os de Kojève, fizeram parte do cenário filosófico do século XX. Ele, tal como muito outros pensadores, também foi aluno do célebre mestre russo. Todavia, tal como deve proceder um bom discípulo, produziu uma obra de igual envergadura e importância. Trata-se da *Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel*.

Seu texto foi publicado em 1946 e, desde então, faz parte de qualquer boa bibliografia sobre Hegel. Seu intuito é analisar, de forma estrutural, toda a *Fenomenologia*. Desse modo, nosso interesse aqui é, tal como procedemos com Kojève, apenas apresentar alguns

aspectos da sua interpretação, notadamente aqueles concernentes à dialética do senhor e do escravo. O primeiro aspecto que Hyppolite revela de tal metáfora é sua notável beleza e importância política:

A exposição da dialética da dominação foi feita muitas vezes. É talvez a parte mais célebre da *Fenomenologia*, tanto pela beleza plástica do desenvolvimento quanto pela influência que pôde exercer sobre a filosofia política e social dos sucessores, em particular sobre Marx. Consiste, essencialmente, em mostrar que o senhor revela-se, em sua verdade, como o escravo do escravo e o escravo como senhor do senhor (Hyppolite, 1999, p. 187).

Hyppolite observa ainda que, em Hegel, falta o desenvolvimento adequado da metáfora política, fato que só será efetivamente complementado por Marx. Para ele, o pensador alemão atinge, em suas investigações, apenas o reino do espírito, mas não alcança as maiores discussões. O escravo, por exemplo, é escravo por rejeitar o combate com a vida. Sua sujeição ao senhor é apenas uma parte do processo. Seu primeiro momento de submissão se dá em relação à vida: “Com efeito, o escravo não é propriamente escravo do senhor, mas da vida; é escravo porque recuou diante da morte, preferiu a servidão à liberdade na morte, portanto é menos escravo do senhor do que da vida” (Hyppolite, 1999, p. 188).

Os momentos da consciência servil, segundo Hyppolite são: medo, serviço e trabalho. No medo, o escravo possui um senhor exterior e um senhor interior em si. Na angústia, ele começa a superar o medo e a dominar a natureza. No trabalho, ele empreende a construção do mundo.

A metáfora do senhor e do escravo faz parte, tal como notou Vaz, da história da filosofia ocidental (1981). Entretanto, além da mesma ter sido profundamente importante para o posicionamento marxista, cabe notar o quanto ela foi preciosa para a corrente psicanalítica. Seria um esforço digno de Hércules demonstrar toda a sua relevância dentro de tal tradição. Por isso, apenas para que tenhamos uma vaga idéia de tal coisa, propomos aqui analisar, em curtas passagens bastante específicas da obra de Lacan, a saber, o *Seminário 10 – A angústia* como ocorre tal afinidade.

Lacan, tal como já notamos aqui participou dos cursos de Kojève e possuía um vivo interesse pela filosofia de Hegel, especialmente por sua construção da consciência na *Fenomenologia do espírito*. Entretanto, sua principal diferença para com pensador alemão se dá exatamente na exploração da temática do desejo fato que, segundo ele, foi pouco explorado pela filosofia hegeliana:

Com certeza, se existe alguém que não é injusto quanto ao se introduziu a *Fenomenologia do espírito*, sou eu mesmo. Mas se há um ponto em que é importante assinalar o progresso, para empregar esse termo – eu gostaria ainda mais de dizer ‘o salto’ - , que nos caracteriza em relação a Hegel, é justamente o que concerne a função do desejo (Lacan, 2005, p. 32).

No entender de Lacan, Hegel possui uma importância capital para a psicanálise e para o entendimento do outro. Por isso, o pensador francês dedicou alguns de seus estudos e empregou boa parte do seu tempo na obra do pensador de Berlim. Para compreender o que Lacan aponta como desejo, deve-se primeiramente compreender a relação do desejo com outro. Segundo ele, “no que concerne à dependência de meu desejo em relação ao desejante que é o

Outro, lido com o Outro, da maneira mais segura e mais articulada como consciência. O Outro é aquele que me vê” (Idem).

Hegel aponta, segundo Lacan, que todo desejante deseja, na verdade, um reconhecimento de um outro. O psicanalista francês constituirá diversas fórmulas, que não nos cabe comentar aqui, analisando tal questão e construindo, a partir desse ponto, boa parte de sua explicação. Seu interesse é aqui marcadamente existencial. Seu tema é angústia. Por isso, para ele, há uma crítica que se deve fazer ao texto hegeliano e, talvez, a algumas interpretações dele. Ele carece de uma análise mais precisa da angustia:

Já lhes apontei várias vezes a perversão que resulta e que vai muito longe, inclusive no campo político, de todo esse ponto de partida da *Fenomenologia do espírito* que se senta com demasiada estreiteza no imaginário. É muito bonito dizer que a servidão do escravo é prenhe de todo o futuro e leva ao saber absoluto, mas, politicamente, isso significa que, até o fim dos tempos, o escravo permanecerá escravo. De vez em quando, é preciso botar a boca no trombone (Ibid., p. 34).

Por isso é que, de forma proposital, Lacan ressalta a importância de Kierkegaard na compreensão da angústia: “A verdade da formulação hegeliana, quem a dá é Kierkegaard” (p. 35). O que parece diferenciar o desejo em Hegel e em Lacan, é que o primeiro desejo (aquele do senhor) parece cometer um erro naquilo que deseja, mas não parece estar inconsciente daquilo que quer. Lacan aponta a capacidade de desejarmos inconscientemente, por isso passa por Hegel, mas vai adiante dos seus escritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de nossa exposição não foi, em momento algum, dar uma palavra definitiva ou acabada sobre a célebre metáfora do senhor e do escravo cunhada por Hegel. Nosso intuito foi apenas mostrar como tal temática se insere no todo da *Fenomenologia*, como o próprio autor tenta demonstrá-la dialeticamente na obra e como alguns de seus intérpretes se posicionam diante dela. Se tal intento foi realizado, esse esforço não foi em vão e, quem sabe, ele possa estimular e provocar, no melhor sentido desta palavra, melhores e mais fecundos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito – parte I*. Petrópolis: Vozes, 1992.

HYPPOLITE, Jean. *Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 2002.

LACAN, Jacques. (1962) *Seminário 10 – A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. O senhor e o escravo: uma parábola da filosofia ocidental. *Síntese*, p. 07-29, n.21, jan./abr. 1981.

**THE DIALECTIC OF LORD AND SLAVE IN HEGEL AND ITS IMPACT ON
MARXISM AND LACANIAN PSYCHOANALYSIS**

ABSTRACT: The aim of this article is analyses the dialetics of the lord and the slave second Hegel and his repercussion in the marxism and psychoanalysis. For this objective the thematic will be limited to analyses a little portion of *Phenomenology of Mind* where will be affirmed this thesis and his interpretation second Lima Vaz, Kojève, Hyppolite and Lacan.

KEY WORDS: Dialectics. Hegel. Marxism. Psychoanalysis. Politics.

**LA DIALECTIQUE DU MAÎTRE ET L'ESCLAVE DE HEGEL ET DE SON IMPACT
SUR LE MARXISME ET LA PSYCHANALYSE LACANIENNE**

RESUMÉ: Le but de ce papier est d'analyser la dialectique du maître et l'esclave de Hegel et de son impact sur le marxisme et la psychanalyse. Pour parvenir à cette fin, le thème sera limitée à l'analyse d'une petite portion de la *Phénoménologie de l'Esprit*, qui stipule que cette idée, et l'interprétation de la seconde Vaz Lima, Kojève, Hyppolite et Lacan.

MOTS-CLÉS: Dialectique. Hegel. Marxisme. Psychanalyse. Politique.

Recebido em 13/01/2010

Aprovado em 03/05/2010

© 2010 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura/CNPq – UFJF.
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista